A Natureza Comunicativa da Cultura: pesquisa exploratória sobre a Festividade de Carimbó de São Benedito de Santarém Novo - Pará[1]

Gleidson Wirllen Bezerra GOMES[2]
Universidade Federal do Pará, Pará, PA

Resumo: Este artigo reflete sobre a natureza comunicativa da Festividade de Carimbó de São Benedito de Santarém Novo - Pará. A proposta parte das noções de natureza comunicativa da cultura em Martín-Barbero (2006) e França (2001), além da concepção de processo comunicativo desta pesquisadora. Para desenvolvermos a pesquisa de campo, além da pesquisa bibliográfica, utilizamos técnicas da etnografia para a coleta de dados, como: a observação participante, a entrevista em profundidade com os integrantes da festa e o diário de campo. A partir dos elementos que constituem a festividade, destacamos o seu caráter comunitário e de tradição, o que nos levou a evidenciar a comunicação em seu sentido de compartilhamento e de comunhão.

Palavras-chave: comunicação**;** natureza comunicativa; processo comunicativo; Festividade de São Benedito; Amazônia.

Introdução

No XII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado em Fortaleza (CE) em 2012, apresentamos no Grupo de Pesquisa "Mídia, Cultura e Tecnologias Digitais na América Latina" o artigo intitulado "A Natureza Comunicativa da Cultura: uma Aproximação da Festividade de Carimbó de São Benedito de Santarém Novo - Pará". O artigo, na verdade, era um recorte de nosso projeto de qualificação apresentado no Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia, da Universidade Federal do Pará, no qual começávamos a tatear o nosso objeto de estudo.

A proposta do trabalho, assim, consistiu em trazer as primeiras reflexões teórico-metodológicas, a partir de pesquisa exploratória, no sentido de compreender a natureza comunicativa da Festividade de Carimbó de São Benedito de Santarém Novo – Pará. Entendíamos, assim, que ao dançar o carimbó nas noites festivas, os integrantes da Irmandade estabeleciam e construíam dinamicamente relações culturais não só com os visitantes do município que vinham de outras cidades e estados, mas principalmente consigo próprios. E era nessa interelação ocorrida no momento da festividade, durante todas

[1] Trabalho apresentado no GP Mídia, Cultura e Tecnologias Digitais na América Latina, XIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.
[2] Mestrando do Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia, da Universidade Federal do Pará. Bolsista CAPES. E-mail: gleidson.gomes67@gmail.com.

as suas atividades, que os processos de comunicativos se dariam como um instituidor de relações, em que os atores do processo se construíam e reconheciam socialmente.

Diante de nossa proposta anterior apresentada neste Grupo de Pesquisa, trazemos agora alguns resultados de nossa dissertação. O objetivo de nossa pesquisa foi compreender a natureza comunicativa Festividade de Carimbó de São Benedito de Santarém Novo - Pará, observando as características que a constituem e nelas buscando elementos que são interpretados como processos comunicativos. Para isso, buscamos descrever a festividade identificando os momentos que a constituem e, em seguida, a partir da descrição, analisaríamos os momentos da festividade nos quais identificamos seus processos comunicativos.

O município de Santarém Novo – Pará

Parte da história, e consequentemente da experiência cultural das populações amazônicas, em particular da constituição dos municípios do estado do Pará ainda está para ser contada. No que se refere ao município de Santarém Novo, e da própria Irmandade de Carimbó de São Benedito com sua festividade, por exemplo, não há um histórico detalhado de sua fundação. De acordo com Ferreira (2003), o atual município de Santarém Novo, localizado a 180 Km de Belém, capital do estado do Pará, teria sido fundado em 1961, pela Lei Estadual nº 2.460, de 29 de dezembro de 1961, constituído a partir de um desmembrado do município de Maracanã. Ao analisarmos os dados históricos do município, que são poucos, constatamos a difícil instituição constitucional do município, haja vista suas várias formas de denominações territoriais, desde o título de Freguesia, por meio da Lei Provincial nº 584, de 24 de outubro de 1868, até a sua extinção no início do século XX, em 1906, pela Lei nº 985, de 26 de outubro desse ano, que o reincorporou ao então território de Maracanã (FERREIRA, 2003).

O município possui um único distrito que consiste em sua sede. Com extensão territorial de 229,40 Km², Santarém Novo pertence à zona fisiográfica do Salgado paraense[3], na Mesorregião Nordeste Paraense e Microrregião Bragantina, tendo como limites ao norte o município de São João de Pirabas, a leste Primavera e São João de Pirabas, ao sul municípios de Peixe Boi-Boi e Nova Timboteua, e a oeste o município de

[3] "A microregião do Salgado situa-se no nordeste paraense, possuindo uma área de 6.447 km² [...] É composta por 11 municípios (Colares, Curuça, Magalhães Barata,Maracanã, Marapanim, Primavera, Salinópolis, Santarém Novo, Santo Antônio do Tauá, São Caetano de Odivelas e Vigia). Por sua condição litorânea, não só a pesca é importante na região, mas também o turismo, especialmente naqueles municípios que oferecem praias de areia (sobretudo Salinópolis). Ao lado disso, trata-se de uma das zonas de colonização mais antigas da Amazônia [...]" (MAUÉS, 1995, p. 16).

Maracanã (FERREIRA, 2003). No que se refere à cultura, a Festividade de Carimbó de São Benedito é destacada como a principal manifestação de caráter religioso e popular do município, além da Dança dos Pretinhos[4].

De acordo com o Atlas de Integração Regional do Estado do Pará, elaborado pela Secretaria de Estado de Integração Regional (SEIR) do Estado do Pará, os dados referentes à Santarém Novo mostram que da população total do município, de 6.347 em 2008, 27,38% estava concentrada na área urbana, e 72,62% na área rural. Desse quantitativo, em 2010, o maior número de habitantes (1.757) era composto por jovens, na faixa etária de 15 a 29 anos (IDESP, 2013). Atualmente, estima-se que Santarém Novo possua cerca de 6.248 habitantes(IBGE, 2012), o que representa uma diminuição do número total de habitantes entre o anos de 2008 e 2012.

De acordo com o Instituto de Desenvolvimento Econômico, Social e Ambiental do Pará - IDESP (2013), a energia elétrica só chegou em Santarém Novo no ano de 1995, em apenas 557 residências. Em 2011, eram 1.575 residências com eletricidade. Em 2010, a televisão era o meio mais presente nos domicílios santarenses (1.178), seguida do rádio (896 domicílios), do microcomputador (60). Neste ano, apenas 44 domicílios tinham acesso à internet (IDESP, 2013).

Corrêa e Corrêa Junior (2010) contextualizam a criação do município de Maracanã, território do qual Santarém Novo foi desmembrado, remontando ao tempo em que a Província do Grão-Pará e Maranhão ainda era independente da Província do Brasil, durante os séculos XVII e XVIII. A criação de Maracanã estaria relacionada à missão catequista dos jesuítas, instalada em 1653, período da chegada do Padre Antônio Vieira ao Pará, na aldeia dos índios Maracanãs, que deu nome ao município. De acordo com Corrêa e Corrêa Junior (2010), os jesuítas teriam subido o Rio Maracanã até chegar à localidade de Santarém Novo, onde habitavam também índios maracanãs. Os nativos seriam a população predominante até ao ano de 1823. A primeira família portuguesa a chegar a Santarém Novo, por volta de 1830 a 1850, seria a família do senhor Jerônimo Pimentel, dando origem a família Pimentel no município. Esta família seria a responsável por trazer os primeiros negros escravos para o município de Santarém Novo.

Dos dados apresentados, nos interessa destacar dois deles: a formação cultural do município de Santarém Novo e a sua predominância rural. Essas características contextuais

[4] Os Pretinhos são uma manifestação cultural de Santarém Novo, que teria sido criada por volta dos séculos XVII e XVIII, "com músicas e danças que em suas letras retratam os sofrimentos dos negros para chegarem a esta terra" (CORRÊA; CORRÊA JÚNIOR, 2010, p. 27).

são importantes, pois a constituição histórica revela os processos de hibridação (GARCÍA-CANCLINI, 2008) presentes não só no município, como em parte do estado do Pará, e da própria região amazônica, dos quais resultam manifestações culturais que permanecem em atividade até os dias atuais, como as próprias Irmandade e Festividade de Carimbó de São Benedito. Por processos de hibridação, García-Canclini (2008) conceitua os:

> [...] processos socioculturais nos quais estruturas e práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas. Cabe esclarecer que as estruturas chamadas discretas foram resultados de hibridações, razão pela qual não podem ser consideradas fontes puras (GARCIA-CANCLINI, 2008, p. XIX. Grifo do autor).

Compreendemos por "estruturas e práticas discretas" as diversas matrizes culturais presentes em determinados espaços e tempos históricos, como, por exemplo, no caso da Amazônia, as matrizes indígena, negra e europeia. Enquanto "existiam de forma separada" umas das outras, essas matrizes mantinham suas especificidades. Os processos de hibridação, nesse contexto, seriam os diálogos e conflitos entre estas culturas. E é partir deles que se forma o que hoje é a festividade e o carimbó no município de Santarém Novo.

A Irmandade de Carimbó de São Benedito

Os integrantes da Irmandade de Carimbó de São Benedito não têm registros históricos oficiais de quando ela surgiu nem de quando a festividade teria iniciado. A história que eles contam, é que uma família portuguesa teria ido morar em Santarém Novo, e com ela levado escravos para o local, sendo estes os primeiros negros do município, como mostram os estudos de Corrêa e Corrêa Junior (2010). Esses negros teriam criado a Irmandade e a festividade.

Um texto de apresentação da Irmandade de Carimbó de São Benedito, escrito pelo presidente da Irmandade, que relata sua criação da seguinte forma:

> A Irmandade de São Benedito de Santarém Novo é uma entidade civil, de natureza religiosa e cultural com sede em Santarém Novo, nordeste do Pará. Foi criada em meados do século XIX por membros da comunidade local, para organizar o tradicional culto a São Benedito, expresso através da Festividade de Carimbó. Toda a atividade da Irmandade acontece em função dessa Festividade, realizada anualmente sempre de 21 a 31 de dezembro, no barracão de carimbó. O surgimento da Irmandade de São Benedito em Santarém Novo não possui nenhum registro histórico formal, mas segundo relatos orais, ocorre ainda no Brasil colônia, quando chegam à região os negros escravizados (LOUREIRO, 2005, s/p).

De acordo com essas informações, a Irmandade teria mais de cem anos e teria sido criada para realizar a Festividade de Carimbó de São Benedito. Atualmente, a Irmandade possui aproximadamente 170 integrantes. Estes são moradores do município que pedem

para ser inscritos no livro de registro da Irmandade. É a partir dos nomes inscritos nesse livro que são sorteados os festeiros de cada noite de festa, que corresponde ao período de 21 a 31 de dezembro. Na verdade, os festeiros normalmente são os filhos dos inscritos, pois é o nome deles que consta no livro, mas os pais assinam como responsáveis. Assim, os festeiros de cada noite são crianças ou adolescentes, tendo os pais como organizadores da festa.

A Irmandade de Carimbó de São Benedito é estruturada por uma diretoria composta por 13 integrantes, organizada da seguinte forma: presidente, vice-presidente, secretário, diretor de carimbó, diretor de patrimônio, diretor de salão, tesoureiro e um conselho fiscal composto por seis pessoas. A diretoria é eleita por meio de voto dos integrantes da Irmandade e cumpre mandato de dois anos, podendo ser reeleita. Além disso, a Irmandade de Carimbó possui, ainda, um barracão onde são realizadas as festas. Na verdade, são três barracões erguidos um ao lado do outro.

Figura 01: Os três barracões da Irmandade, em Santarém Novo - Pará.

Foto: Gleidson Gomes, 2011.

O padre local, que coordena a paróquia de Nossa Senhora da Conceição, padroeira do município de Santarém Novo, relembra o tempo em que eram as igrejas que dirigiam as irmandades de santo. Na verdade, para o padre, a Irmandade de Carimbó de São Benedito desvirtuaria a "coisa religiosa" que caracterizavam essas irmandades, principalmente por haver na festividade a dança do carimbó.

> O que está acontecendo aqui é isso. Essa Irmandade que eles têm não tem ligação com o padre, nadinha, com a Igreja não. Agora não sei o porquê colocaram Irmandade. Irmandade, antigamente tinha nas igrejas, a Irmandade de São Benedito, tinha sim as irmandades dos santos. Era coisa religiosa, não era dança, não era carimbó não. Não sei de onde pegaram isso, Irmandade de Carimbó de São Benedito (ENTREVISTADO 01, dezembro de 2012).

Apesar das críticas ao modo como a Irmandade se organiza e a festividade é conduzida, o padre não nega a devoção que os integrantes da Irmandade e participantes da

festa têm por São Benedito, "é uma espécie de religiosidade popular de São Benedito, popular, porque vai muito essas coisas assim" (ENTREVISTADO 01, dezembro 2012).

A Festividade de Carimbó de São Benedito

Assim como a irmandade, a Festividade de Carimbó de São Benedito não possui um histórico de origem. No município, os integrantes da irmandade contam a história do "encontro" entre negros, índios e brancos, o qual teria dado origem à festividade e a partir do qual se herdaria uma das características mais marcantes do carimbó dançado durante a Festividade: os homens vestem terno, gravata e sapato social, e as mulheres usam camisas de manga e saia longa. Um dos integrantes explica essa "origem":

> No tempo que existia escravos, nesse tempo os brancos eram mais valorizados que os negros, os brancos eram os grandes, os negros fizeram um barracão, os índios fizeram o carimbó [instrumento], no tempo não tinha corda e eles amarravam com cipó. Aí os brancos fizeram uma festa e os músicos não vieram, os brancos de terno e gravata chamaram os negros e os índios para tocarem, e obrigaram eles a usar terno e gravata. Aí ficou a tradição (ENTREVISTADO 02, dezembro de 2011).

Quando estivemos em Santarém Novo em 2011 e 2012, participando das noites de festa, inclusive dançando junto com os integrantes da irmandade, pudemos perceber que o que o entrevistado chama de "tradição" mantém-se em parte. Na verdade, no salão os homens entravam de terno e gravata, mas nem todos de traje social completo (camisa, calça e sapato social), como alguns integrantes dizem ser o correto. Já as mulheres, principalmente as mais jovens, iam para a festa com bermudas ou saias curtas, e somente na hora de entrar no salão para dançar carimbó vestiam a saia, tirando-a novamente no momento em que o carimbó parava de tocar e elas saiam do salão, sentando-se nas cadeiras postas no terceiro barracão.

Organização da festividade

A Festividade de Carimbó de São Benedito ocorre de 21 a 31 de dezembro de cada ano, no barracão da Irmandade de Carimbó de São Benedito em Santarém Novo. Para cada um dos 11 dias de festa há um festeiro diferente, responsável por aquele dia. Durante as festas, a comida e a bebida são distribuídas gratuitamente para os participantes. Em sua estrutura, a festividade pode ser dividida nos seguintes momentos: as alvoradas, o carregamento do mastro, as ladainhas, as festas no barracão, o pilouro e a varrição do mastro.

As alvoradas - A Festividade de Carimbó de São Bendito inicia-se às 05 horas da manhã do dia 21 de dezembro, com a alvorada. A alvorada consiste no momento em que um grupo de carimbó vai até a casa do festeiro do dia, "acordá-lo" ao som do carimbó. O grupo posiciona-se em frente a casa do festeiro e toca carimbó até às 06 horas. Após esse horário, o festeiro convida os músicos e pessoas presentes para tomar um café da manhã composto por beiju chica, café, bolo, bolachas e pão. A gengibirra também era servida desde o início da atividade. Essas alvoradas ocorrem todos os dias da festividade, sempre das 05 às 06 horas da manhã.

O mastro - Com o término da alvorada, no primeiro dia da festividade também é feito o carregamento do mastro de São Benedito pelas ruas da cidade. O festeiro do primeiro dia, conhecido como o juiz do mastro, é o responsável pela confecção da bandeira de São Benedito que fica na ponta do mastro, além da decoração, do carregamento e por erguer o mastro em frente ao barracão da irmandade. O mastro é enfeitado com folhas de açaí e várias frutas como banana, coco, açaí, jaca e mamão. Um dos integrantes da irmandade comentou que essa forma de enfeitar o mastro vem desde muito tempo, e deve-se à presença de lavradores na irmandade. As frutas representariam a boa colheita, a fartura e o mastro seria carregado em agradecimento a São Benedito pelas colheitas feitas no ano. O trajeto feito com o mastro se dá ao som do carimbó e o momento é de descontração entre os participantes.

As ladainhas - A ladainha é o momento no qual os músicos buscam o festeiro em casa e levam até a igreja onde era feita a reza em homenagem a São Benedito. A capela de São Sebastião, que fica próxima do barracão da irmandade, é o local onde as ladainhas ocorriam. Após a ladainha, os presentes se despediam. Alguns iam para casa, aprontar-se para a festa que ocorreria durante à noite. O festeiro e sua família já ficavam na "cozinha da festa" cuidando dos preparativos. Ao longo do dia ele a família tinham a responsabilidade de limpar e decorar o barracão, com balões, ou palhas de açaizeiro.

As festas no barracão - As festas no barracão da Irmandade de Carimbó de São Benedito iniciavam por volta das 21 horas. Como explicamos, enquanto as pessoas que participaram da ladainha iam até as suas casas, alguns músicos permaneciam no barracão já se preparando para a festa da noite, arrumando os instrumentos no palco, e os festeiros

ficavam cuidando dos alimentos que seriam distribuídos durante a noite, preparando-se para serem os mordomos, isto é, aqueles que serviam os participantes da festividade.

O pilouro - No dia 31 de dezembro, último dia da Festividade de Carimbó de São Benedito, ocorre o sorteio dos 11 festeiros do ano seguinte. Esse momento é conhecido como pilouro, e é realizado na tarde do último dia. Na verdade, em 2011 foram sorteados 10 festeiros, pois o festeiro do dia 21 de dezembro já estava definido, porque seria um pagador de promessa que pediu para ser o juiz do mastro.

A varrição do mastro - A varrição do mastro é o momento de derrubada do mastro, ao som do carimbó. Depois de derrubado o mastro, os homens saem com ele nos ombros pelas ruas da cidade, indo na casa de todos os festeiros de 2012. Primeiro passou-se pela casa do juiz do mastro da festividade de 2012 para que o juiz de 2011 entregasse a bandeira de São Benedito para o novo juiz.

A natureza comunicativa da festividade

A mudança do local de entrada (das perguntas) na pesquisa comunicacional no contexto latino-americano pode auxiliar, de acordo com Martín-Barbero, na direção do local de saída para as repostas. Voltar-se à cotidianidade, e com isso às culturas e práticas populares, se faz necessário para a compreensão dos usos feitos por esses grupos, frente aos meios massivos. Mas, também, para além dessa "dependência":

> Abre-se assim ao debate um novo horizonte de problemas, no qual estão redefinidos os sentidos tanto da cultura quanto da política, e do qual a problemática da comunicação não participa apenas a título temático e quantitativo – os enormes interesses econômicos que movem as empresas de comunicação – mas também qualitativo: na redefinição da cultura, é fundamental a compreensão de sua natureza comunicativa. Isto é, seu caráter de processo produtor de significações e não de mera circulação de informações, no qual o receptor, portanto, não é um simples decodificador daquilo que o emissor depositou na mensagem, mas também um produtor (MARTÍN-BARBERO, 2006, p. 289).

Essa noção de natureza comunicativa da cultura, proposta por Martín-Barbero na década de 1980, é a nossa chave de leitura para a cempreensão dos processos comunicativos que se constituem no contexto da Festividade de Carimbó de São Benedito. Da forma como é proposta por este autor, a ideia de natureza comunicativa da cultura permite considerar não apenas os usos e apropriações que as pessoas fazem dos conteúdos midiáticos, mas sim, perceber que a cultura é constituída por processos comunicativos, nos quais as pessoas produzem significações.

Encontramos eco dessa perspectiva de Martín-Barbero (2006) na proposição de França (2001) quando reflete sobre as especificidades dos processos comunicativos. Para a pesquisadora, "Não importa o quão abundantes, espalhadas e permeadas em outras atividades sejam determinadas práticas que chamamos 'comunicativas'. A especificidade vem do olhar, ou do viés, que permite vê-las e analisá-las enquanto comunicação, isto é, na sua natureza comunicativa" (FRANÇA, 2001, p. 05).

No entanto, a perspectiva de natureza comunicativa dessa pesquisadora parece defender de forma mais enfática a proposta de Martín-Barbero, quando nos possibilita considerar que é por meio dos processos comunicativos que se constituem as culturas, a ideia de natureza, assim, dando a entender que a comunicação está fundamentalmente presente na tessitura da cultura. Inferimos esta compreensão ao tomarmos como referência a definição de processo comunicativo de França (2001). Para ela, "trata-se portanto, o processo comunicativo, de algo vivo, dinâmico, instituidor – instituidor de sentidos e de relações, lugar não apenas onde os sujeitos dizem, mas também assumem papéis e se constroem socialmente; espaço de realização e renovação da cultura" (FRANÇA, 2001, p. 15).

Acreditamos que podemos vislumbrar esses processos comunicativos nas marcas culturais que as pessoas carregam consigo, que demonstram a sua trajetória enquanto ser social e cultural. No que diz respeito a festividade, por exemplo, associamos essa definição de processo comunicativo com o que os moradores denominam de tradição, que é a o conjunto de saberes e práticas transmitido entre eles, além de vários elementos que compõem a festividade.

Assim, na fala da entrevistada 03, percebemos essa noção de processo comunicativo tanto quando ela diz seguir uma tradição em relação ao carimbó, que nem ela mesma consegue explicar porque segue, bem como na forma como já vai inserindo a sua filha no ritual da festa e com ela compartilhando a sua experiência.

> Eu sinceramente não tenho como descrever, porque a dança mexe com a gente. Eu não sei se porque é uma cultura tradicional e é difícil de a gente... Acho que é de pai para filho que vem, sei lá. Eles nunca impediram a gente de participar quando a gente era... Com 15 anos a gente não podia sair para a rua, mas para ir dançar carimbó era liberado. Entendeu? Eles sempre deixaram em aberto para a gente a participação no carimbó, nunca foi impedido. Acho que talvez seja isso. E a gente acaba, eu tenho uma filha que vai fazer 15 anos, eu não a impeço de dançar também. Não tem aquela proibição por ser menor de idade. Talvez seja isso que fique na vontade. Sei lá, é difícil descrever (ENTREVISTADA 03, dezembro de 2012).

A perspectiva de processo comunicativo de França (2001) nos oferece a possibilidade de compreender a cultura como uma dinâmica comunicacional, ou seja, constituída a partir desses processos. Estes, assim, seriam um dos elementos responsáveis pela tessitura da cultura, por se caracterizarem como compartilhamentos entre as pessoas, sem esquecer que estas relações no contexto moderno são permeadas pelos meios de comunicação. No entanto, considerar essa perspectiva de processo comunicativo não exclui a dimensão do conflito e do embate que compõem a dinâmica comunicacional, cultural. Para França (2005) ao pensar os sujeitos em comunicação, em constante interação,

> a abordagem comunicacional busca desvelar, nos fenômenos sociais, a presença da comunicação como momento constituidor. Seu objetivo é apreender as relações comunicativas, relações estabelecidas pelas práticas simbólicas, como um espaço de agenciamento e de escolha; um embate de forças. Este embate é a experiência comunicativa (FRANÇA, 2005, 19).

A compreensão de processo comunicativo, em França (2008, p. 79), parte da noção de interação simbólica, conceito que vem de G. H. Mead, da Escola de Chicago. Para ela, assim, quando estão em comunicação "os dois indivíduos encontram-se igualmente implicados, são igualmente convocados e ambos sofrem modificações".

> O estudo da comunicação compreende então o estudo de um ato que se realiza (dimensão prática) e da relação que aí toma forma (dimensão relacional) através de gestos significantes. Uma análise comunicacional vai recortar as intervenções concretas dos indivíduos implicados, isto é, os gestos, as atitudes assim como as significações que as animam (dimensão simbólica, presença de sentido), buscando captar o movimento reflexivo que orienta a configuração do processo (FRANÇA, 2008, p. 87).

Compreender a natureza comunicativa da cultura, nesse sentido, seria compreender os processos comunicativos tecidos em diversos contextos. E ao pensarmos esses processos a partir de França, não os encaramos apenas em uma relação interpessoal ou face a face, mas também nas relações que as pessoas estabelecem com os meios de comunicação em seu cotidiano, como destaca Martín-Barbero (2006) em relação ao papel que os meios, principalmente o rádio, a televisão e cinema, tiveram na formação das culturas nacionais latino-americanas.

Além disso, a cultura como processo de comunicação é posta claramente por Martino (2011), ao afirmar que "quando passamos a falar de cultura, temos que estar atentos para o fato de estarmos trabalhando um conceito que já implica um processo de comunicação: a cultura implica a transmissão de um patrimônio através das gerações" (MARTINO, 2011, p. 23). É esta concepção da relação entre a comunicação e a cultura que nos permite analisar a festividade como uma experiência comunicativa.

A compreensão de natureza que temos, no entanto, não está voltada para a sua relação com as ciências naturais. Na verdade, a palavra natureza, enquanto conceito filosófico possui uma longa e conflituosa trajetória, dependendo da corrente de pensamento pela qual ela é apropriada. Essa é uma discussão que não nos cabe fazer aqui . Para nosso intento, basta sabermos que a palavra natureza tem origem no termo grego *physis*, traduzido para latim como natura. O significado do termo, porém, varia e se distingue de acordo com a corrente filosófica pela qual é apropriado.

Da maneira como pensamos a natureza comunicativa da cultura, encontramos o significado em Japiassú e Marcondes (2001, p. 137), em uma de suas definições: "tudo aquilo que é próprio do individuo, aquilo que em um ser é inato". Assim, compreendemos que falar em natureza comunicativa da cultura é considerar que os processos comunicativos estão no cerne das relações sócio-históricas e culturais, eles são a tessitura dessas relações. Por isso acreditamos que é por meio dos processos comunicativos que se constituem as culturas. No entanto, esses processos comunicativos também são culturais, ou seja, caracterizam-se de acordo com os contextos nos quais estão inseridos.

É nesse sentido que analisamos a natureza comunicativa da Festividade de Carimbó de São Benedito. Desde sua criação, por volta do século XIX, até os dias atuais, a festividade, bem como a própria Irmandade, permanece ao longo do tempo como uma manifestação característica do município de Santarém Novo. Essa permanência, aliada a todo o conjunto de questões relacionadas à festividade – como a própria religiosidade popular expressa em São Benedito, a confecção de elementos culinários (beiju chica, porco, gengibirra), a música e dança do carimbó, a vestimenta obrigatória para se dançar no barracão e as regras que devem ser seguidas nesse ambiente –, revela toda uma gama de processos comunicativos, constituintes dessa experiência cultural, que se dão no período da festividade.

Dois exemplos disso são a confecção do *beiju chica*, alimento considerado tradicional pelos integrantes da festividade e que poucas mulheres no município sabem produzir; e a cantoria da ladainha, feita sempre na tarde antes de cada festa. A entrevistada 04, aprendeu a fazer o beiju chica com sua sogra.

> Eu aprendi com a minha sogra. A mamãe fazia, mas eu não aprendi com ela. Eu aprendi a fazer com a mãe do Domingos, meu marido. Às vezes, o pessoal ia encomendar para ela beiju para as festas e ela me convidava para eu ajudar e eu ia. Aí eu fui fazendo até que eu aprendi. A primeira vez que eu fui fazer sozinha esse beiju, foi eu com ele, aí nós preparamos a massa todinha. "-E agora também, como é que a gente vai botar esse beiju no forno? Vai chamar a sua mãe para dar uma dica para nós, para espalhar aqui no forno esse beiju. Se é muito, se é pouquinho." Ele foi lá: "-Mamãe passava na casa do forno." Quando ela está com uma massa

> para fazer beiju, ela está com nervoso para colocar o beiju no forno. Ela disse: "-Ah, eu estou muito ocupada, não dá para eu ir agora. Fala para peneirar a massa dentro do forno, do jeito que sair..." Ah, mas não foi. Eu digo: "-Ah, quem tem nariz, quem tem jeito vai à Roma, vamos embora fazer, do jeito que sair tem que sair." Aí começamos a fazer o beiju. Mas primeiro se esbandalhava todo e depois que fomos acertar a quentura do forno. Ficava com o forno frio, enxugava a massa, não escaldava e aí não fez... Nós estragamos um bocado. Depois eu fui fazendo, fazendo, até que eu aprendi. Por causa do forno, tem que ser bem quente (ENTREVISTADA 04, dezembro de 2012).

Figura 02: Fazendo o beiju chica: a transmissão de saberes como processo comunicativo.

Foto: Gleidson Gomes, 2011.

Já a ladainha, ela aprendeu com a mãe e diz que, como as moças mais novas não querem aprender a cantar, a ladainha pode acabar no dia que a senhoras morrerem.

> Ih, desde criança, a minha mãe era cantora da igreja. Aí ela ia e desde criança a gente já ia com ela, aí foi se acostumando a cantar, aprendemos com ela, eu aprendi com ela a cantar a ladainha. Ela me ensinava, desde a idade de 10 anos a gente já cantava na igreja, ia no coral só de criança. Essa igreja aqui tinha um coral lá em cima, a gente ia para lá para cantar, agora que parei... Mas eu sempre gostei de cantar a ladainha na igreja. [...] Cantava na novena, era na festividade, em mês de maio é novena toda a noite e a gente ia toda a noite para a igreja rezar a ladainha. Só que não é todo o mundo que sabe rezar essa ladainha não, algumas pessoas aqui que sabem, mais as pessoas idosas: eu, a Nadir, a dona Lúlia, tem outras senhoras lá. Que essas mocinhas não sabem nadinha, a gente morrendo acabou a ladainha, não sabem cantar. Rezada no catecismo ainda reza, mas cantar em latim não, a gente canta em latim, mas ninguém sabe o significado. O que mais tem na frente, tem português e latim. A gente canta mais em latim (ENTREVISTADA 04, dezembro de 2012).

Compreendemos a natureza comunicativa da festividade, assim, retomando o sentido primeiro da comunicação, sua concepção primordial de comunhão. E esta concepção, em nosso entendimento, está diretamente ligada à conceituação de processo comunicativo como temos discutido. Dessa maneira, compreender os processos comunicativos da festa significa voltar a atenção para estes momentos de socialidade, de encontro, de compartilhamento entre as pessoas. Essa perspectiva nos leva a considerar a comunicação em seu sentido primordial.

Martino (2011) então explica o contexto religioso no qual a palavra comunicação surgiu, destacando dois elementos principais: seu sentido de estar junto e sua relação com a comida.

> No universo do cristianismo antigo, onde a vida eclesiástica era marcada pela contemplação e isolamento, considerada na época como uma condição para conhecer Deus, duas tendência interpretavam este isolamento de maneira diferente: os 'anacoretas' e os 'cenobitas'. Os primeiros cultivavam a solidão mais radical e viviam de forma completamente individual; ao contrário destes últimos, que optaram por uma vida em comunidade, os conventos ou mosteiros, também conhecidos como cenóbios (do grego koenóbion), 'lugar onde se vive em comum'. No mosteiro aparecerá uma prática que recebeu o nome de communicatio, que é o ato de 'tomar a refeição da noite em comum', cuja peculiaridade evidentemente não recai sobre a banalidade do ato de 'comer', mas de fazê-lo juntamente com outros, reunindo então aqueles que se encontravam isolados. A originalidade dessa prática fica por conta dessa ideia de 'romper o isolamento', e nisto reside a diferença entre a communicatio eclesiástica e o simples jantar da comunidade primitiva. Não se trata, pois, de relações sociais que naturalmente os homens desenvolvem, mas de uma certa prática, cuja novidade é dada pelo pano de fundo do isolamento. Daí a necessidade de se forjar uma nova palavra, para exprimir a novidade dessa nova prática (MARTINO, 2011, p. 13).

A festividade, enquanto manifestação cultural, encarna bem essa conceituação de comunicação, pois, nela, tanto o sentido do estar junto entre as pessoas – que não necessariamente ficam isoladas umas das outras ao longo do ano, mas também não ficam tão próximas como durante os 11 dias de festa – como o fato de uma das características da festividade ser a distribuição de comida gratuita para as pessoas que participam da festa, comungando um mesmo momento, compartilhando uma experiência conjunta.

Na festividade, temos o alimento na alvorada como um dos aspectos que compõe o ambiente de comunhão. Nesse momento, parte da comunidade se reúne para compartilhar com o festeiro e os demais presentes o dia de festa que se inicia. Além de ser o momento que dá início a festa do dia, o café da manhã da alvorada é também uma maneira de reforçar os laços comunitários já existentes entre os integrantes da Irmandade, na medida em que as famílias e demais participantes da festividade, são convidadas para integrarem esse momento da festa, indo até a cada do festeiro do dia, como demonstra a figura 2.

Figura 03: Alvorada: a comida como constituidora da sociabilidade, comunicação.

Foto: Gleidson Gomes, 2012.

O sentido de coletividade e comunhão que tem a alvorada é destacado por um dos integrantes da Irmandade, de 17 anos, que foi festeiro aos sete anos de idade. O jovem mora em Belém, mas a maior parte de sua família mora em Santarém Novo. Ele volta ao município no período das férias escolares e no mês de dezembro, para participar da festividade. Para ele,

> [...] o carimbó em Santarém Novo é uma manifestação religiosa. Mas mais do que religioso, eu acho que é cultural, porque retrata a vida da cidade de Santarém Novo. Esses dez dias são os dez dias que demonstram uma cidade que é muito coletiva, tanto nos hábitos, como na forma das pessoas. O que simboliza muito bem isso é a alvorada, as pessoas vão tomar café na casa de outros, as pessoas servindo comida para outros. Talvez nem conhecem ou nem se deem bem. Então, é isso que é o espírito do carimbó, na minha opinião (ENTREVISTADO 05, dezembro de 2012)

No que se refere à questão da distribuição de alimentos durante a festividade, consideramos o compartilhamento como uma forma de processo comunicativo, ligado diretamente ao entendimento da comunicação em seu sentido primordial, como relação de troca com o outro. Em outro plano, esses processos envolvem os embates que ocorrem na festa, como as questões de prestígio entre os próprios festeiros e integrantes da irmandade e os conflitos entre esta e a igreja.

Esses são, em nosso entendimento, alguns dos processos comunicativos observáveis no contexto da festividade. Em todos, ou quase todos, o sentido de comunhão e compartilhamento está presente, evidenciando as relações de interação simbólica entre os integrantes da irmandade e participantes da festividade. A natureza comunicativa da festividade que identificamos nesses elementos da festa, está, principalmente, na comunicação enquanto dimensão normativa ou seja, esses elementos são tecidos como relação e compartilhamento com o outro.

Algumas considerações

A proposta deste artigo foi apresentar algumas das reflexões que realizamos no desenvolvimento de nossa dissertação, intitulada "A natureza comunicativa da cultura: pesquisa exploratória sobre a Festividade de Carimbó de São Benedito de Santarém Novo - Pará". É evidente que aqui não tínhamos como expor todos os trajetos seguidos ao longo da pesquisa, no entanto, tentamos evidenciar a noção de natureza comunicativa da cultura da forma como trabalhamos em nossa pesquisa. Assim, este artigo representa uma primeira apresentação do que conseguimos construir em nossa dissertação.

Não trouxemos neste artigo, por exemplo, as discussões que articulamos sobre as experiências culturais na região amazônica, especificamente no estado do Pará. Não desenvolvemos aqui, também, nossas reflexões sobre o que chamamos de "herança (funcional) da origeam interdisciplinar da Comunicação", nas quais discutimos o modelo funcional e sua impossibilidade quando abordamos a Comunicação a partir da cultura.

Referências bibliográficas

CORRÊA, Hildete Marques; CORRÊA JUNIOR, Pedro dos Santos. **Resgate histórico de criação do município de Santarém Novo-PA**: da origem ao início do século XX. Trabalho de Conclusão de Curso. Curso de Graduação em Pedagogia, Universidade da Amazônia, Belém-Pará, 2010.

FERREIRA, João Carlos Vicente. Cidades do Pará: origem e significado de seus nomes. Belém: Buriti, 2003.

FRANÇA, Vera Veiga. Paradigmas da comunicação: conhecer o que? In: X Encontro da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, Brasília- DF. Compós, 2001.

___. Sujeitos da comunicação, sujeitos em comunicação. Grupo de Pesquisa em Imagem e Sociabilidade da Universidade Federal de Minas Gerais (GRIS/UFMG), 2005. Disponível em: http://www2.fafich.ufmg.br/gris/images/Sujeito%20da%20com11.%201.pdf. Acessado em 15 de fev. 2013.

___. Interações comunicativas: a matriz conceitual de G. H. Mead. In: PRIMO, Alex et AL. Comunicação e interações. Livro COMPÓS 2008. Porto Alegre: Sulina, 2008. p. 71-91.

GARCIA CANCLINI, Néstor. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Edusp, 2008.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. Dicionário Básico de Filosofia. 3ª Ed. Jorge Zahar Editor: Rio de Janeiro, 2001.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia. 4ª Ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

MARTINO, Luiz C. De qual comunicação estamos falando?. In: HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luis C.; FRANÇA, Vera Veiga (orgs). Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. (p.11-26).

PARÁ, Secretaria de Estado de Integração Regional. Diretoria de Integração Territorial. Atlas de Integração Regional do Estado do Pará. Belém, PA : SEIR, 2010.

PARÁ, Instituto De Desenvolvimento Econômico, Social e Ambiental do. Estatística Municipal: Santarém Novo. Belém, PA: IDESP, 2013. Disponível em: http://www.idesp.pa.gov.br/paginas/produtos/EstatisticaMunicipal/pdf/SantaremNovo.pdf. Acesso em 03 de jun. 2013.